

Jubelino Colaço é reformando e tem 71 anos. Natural da freguesia Maceira, Leiria, trabalhou na indústria do vidro na Marinha Grande. Foi Presidente do Sindicato da Industria Vidreira entre 1974 e 1979. Actualmente reside na freguesia de Pataias, concelho de Alcobaça.

Qual foi a sua função no sindicato dos Vidreiros da Marinha Grande durante o 25 de Novembro de 1975?

Entrei no Sindicato dos Vidreiros da Marinha Grande em 1969. Depois do 25 Abril de Abril, os diversos sindicatos organizaram-se e foi eleito Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Industria Vidreira, cargo que ocupei até 1979. O Sindicato passou a ser constituído por 10 elementos por todo o país, quatro na Marinha Grande, três no norte e três no sul do país, com sede na Marinha Grande, delegações em Lisboa, Porto e uma secção na Figueira da Foz.

Quais os motivos que o levou a participar na manifestação organizada pelo Sindicato dos Vidreiros da Marinha Grande no exterior da Base Aérea de Monte real, BA5, no dia 25 de Novembro?

No meu entender, depois do 25 de Abril havia várias tendências políticas e o problema do poder, quem é que queria o poder. Havia o PC e o esquerdismo que está hoje todo interligado no BE e ambos tinham as suas influências nos quartéis, andavam todos a contar as espingardas para fazer o golpe, mas na retaguarda havia a força do Ramalho Eanes e do Altino Magalhães, os indivíduos que andavam a ver o filme [que andavam atentos a possíveis golpe militares]. [Na noite de 24 de Novembro de 1975], vem uma força pára-quedista que toma conta da Base de Monte Real, BA5, e nós fomos apoiar os revoltosos, os que a ocuparam. Antes disso, travei conhecimento com o comandante da BA5 da altura, o Seabra, porque começaram a incendiar os centros de trabalhos dos partidos de esquerda e a gamar os seus pertences e eu fui com o Dr. Guarda Ribeiro, que era o consultor jurídico do sindicato, dizer ao comandante que eles tinham o direito de actuar [contra os que andavam a incendiar], em Leiria. Chegámos a perguntar se podiam ligar para o Ministério para nos darem armas, no sentido de os pressionar, mas nem eles não nos deram, nem nós as queríamos ou sabíamos utilizar. Os pára-quedistas traziam na mente umas ideias, que não sei quais eram, porque queriam fazer valer a sua luta. Dentro desses quartéis previa-se um golpe de estado do esquerdismo ou doutras forças políticas, numa outra altura qualquer. Eanes e Magalhaes

sabendo disso, planearam contra atacar o primeiro que atacasse e depois deu-se o volte face. Houve indivíduos dos pára-quedistas que não foram presos e houve indivíduos que estavam [pessoal que trabalhava na BA5] lá dentro e foram presos. O indivíduo que prendeu o Seabra fugiu, o comandante que substitui o Seabra, que era um piloto aviador fugiu também, os dois com os cargos mais responsáveis fugiram e os sargentos e os outros ficaram presos durante um mês, sendo soltos no Natal. Ramalho Eanes e Altino Magalhães previam o golpe e pensaram que a invasão dos pára-quedistas era o golpe que se previa e nós também pensávamos. Eles começaram a contra atacar a partir de Cortegaça, sobrevoaram a base e depois voltou tudo ao normal. Aquilo foi feito por um capitão e o que os militares queriam era reivindicar os seus direitos e dinheiro. Martins Jorge pertencia a BA5 e era piloto aviador. Esses que invadiram tinham tal indicação. Não foi uma situação de mudança de regime, os pára-quedistas queriam era repor algo que lhes roubaram. Digo-lhe com toda a certeza, que havia pára-quedistas anti-comunistas e outros pára-quedistas que acabaram por não ser presos, sendo até condecorados, como, por exemplo, o Serigado.

Como se organizou a manifestação? Outras organizações da Marinha Grande estiveram inseridas na manifestação?

Foi o Sindicato de Vidreiros da Marinha Grande e o Partido Comunista que a movimentou. Cerca de 90% pertencia ao da Marinha Grande, mais houve mais gente que participou, como, por exemplo, vi lá algumas pessoas ligadas ao Sindicato dos Metalúrgicos.

Acho que o Sindicalismo tem de ter uma orientação política, tem de haver ideias que sirvam os trabalhadores, mas acho que não pode ser muito politizado, porque isso levou a muitos erros, e no caso de Monte Real, na minha perspectiva, poderia ter sido um erro, não estou a dizer que foi, porque admitindo a hipótese que quando apareceram lá os indivíduos de Cortegaça com aviões e aquilo voltou à normalidade, foi quando apareceu aquela gente toda descalça com forquilhas, paus e os sinos das igrejas ali em volta a tocar, e nós que já tínhamos uma consciência política e sabendo o que se estava a passar não fomos contra aquela gente, recuamos e vimos todos embora, desmobilizámos completamente.

Foi esse o motivo que vos levou a retirar?

A outra manifestação era gente inocente que nem sabia o que vinha fazer e traziam utensílios que são utilizados nas terras. Via-se que eram pessoas que estavam a trabalhar na agricultura. Por exemplo, no concelho de Leiria, depois do 25 de Novembro, há um outro caso curioso, a invasão da Fábrica de Vidros dos Pousos, efectuada por indivíduos vindos do norte do país e que segundo Mário Soares, a última diocese que os apoiou foi a de Leiria.

Conheço alguns indivíduos, que depois do 25 de Abril foram guarda-costas do dono da fábrica de vidro dos Pousos [Leiria], um até já o mataram, o João Maluco, e entretanto depois da meia-noite quando aquilo estava tudo sanado [na BA5], e tinha voltado tudo à normalidade, fizeram uma fogueira fora da fábrica, passou um trabalhador que não tinha nada a ver com lutas políticas para se aquecer e passou um grupo com metralhadoras, ferindo três trabalhadores e mataram um. Eles invadiram a fábrica de Vidros dos Pousos e atacaram os centros de trabalho dos partidos de esquerda em Leiria. Eu sei porque [depois de sair de Monte Real] fui para a Câmara Municipal da Marinha Grande receber os feridos, a um partiram-lhe uma perna e a outro abriram-lhe a cabeça. Deitei-me às cinco e seguidamente bateram-me à janela. Eu perguntei quem era. Era um companheiro meu que me disse que tinham morto um trabalhador. Perguntei se era vidreiro. Disse-me que era dos plásticos. Disse que não tinha nada com isso porque não era vidreiro.

Houve feridos quando contactaram com a outra manifestação?

Não. Os feridos que houve foi na Fábrica de Pousos em Leiria. Eu não lá estava. Incutiram no espírito daquelas pessoas [população vizinha] que todos os que lá trabalhavam eram comunistas. Nós, depois do 25 de Abril, para a fábrica não fechar, comprávamos o fuel para alimentar o forno e não recebemos do patrão, que era o alemão, Buckem, um vigarista porque líamos notícias nos jornais que relatavam as suas vigarices. Foi ajudado pelo governo português para fazer uma fábrica de vidros e depois fugiu.

Foi-me transmitido que eles [da outra manifestação] entraram dentro dos hospitais à procura de fulanos da nossa manifestação. Eu não gosto de falar nisto, mas foi-me comunicado que queriam matar alguns de nós.

Recorda-se das ideias principais da moção elaborada pelos manifestantes pertencentes ao Sindicato dos Vidreiros da Marinha Grande que foi lida pelo Comandante da Base?

Não me lembro das ideias principais do texto, só me lembro que era no sentido de apoiar a causa dos pára-quedistas. Não fui eu que escrevi. Li e entreguei. Depois fui eu e uma senhora entregar o texto.

Número de participantes?

Mais de quinhentos, não quero incorrer em erro.

Levaram algum utensílio que pudesse servir de defesa pessoal?

Foi apenas uma manifestação, não levamos qualquer arma. Conhecia os pára-quedistas [da Base] que estavam à frente da porta de armas. Um é natural de Pataias, um natural da Marinha Grande e outro teve uma relação com uma senhora da Vieira de Leiria. Mais tarde, depois de estarem presos, eles vieram ter comigo para eu lhes arranjar uma casa para passarem algum tempo. Não sei o que lhes chamaram, não sei se lhes bateram, mas foram humilhados e de que maneira. Beberam até cair, nunca mais me esqueceu, depois foram para as terras delas, com excepção do de Pataias, que não de forma alguma ideais de esquerda. Sabe que o objectivo dos militares é o dinheiro, porque não são políticos na maior parte dos casos, querem é ser militares e dinheiro, mais nada, independentemente do partido que esteja no poder.

Houve algum peditório no sentido de dar dinheiro aos pára-quedistas?

Não me recordo de qualquer peditório efectuado durante a manifestação. Efectuaram um peditório na Marinha Grande para ajudar uma fábrica de Torres Novas, e eu fui lá levar o dinheiro, entre outras situações. Eu conheço bem alguns pára-quedistas e o que lhes aconteceu depois foi que alguns ficaram lá quinze dias presos, e depois foram todos readmitidos e outros fugiram para as “Africas”, como o Martins Jorge e o sargento Miranda, o que prendeu o Seabra, que segundo o que ouvi dizer nunca mais voltou e que tinha ficado por lá como instrutor. O Martins Jorge veio para cá, foi reintegrado, subiu de posto na mesma. O capitão Costa Martins, que morreu recentemente num desastre de avião em Montemor, também subiu. Ao Costa Martins meteram-lhe um processo porque o acusaram de ter roubado dinheiro de um dia de trabalho no tempo do Vasco Gonçalves. Foi acusado, ganhou tudo em tribunal e tiveram

de lhe pagar tudo. Quem entregou esse dinheiro no Ribatejo fui eu e o Mota, esse indivíduo da Marinha Grande (o homem a quem telefonei e me facultou o contacto do Jubelino), ele tem lá a fotografia de nós a entregarmos o dinheiro no Diário de Notícias.

Quem deu o apoio da fuga dos revoltosos, foi o Sindicato dos Vidreiros, os que saíram na BA5, o que se passou lá dentro foi uma miscelânea porque repare, o Miranda que fugiu prendeu o Seabra, os para-quedaistas entraram fizeram uma ocupação, eles não foram presos, normalmente os indivíduos que estavam ligados ao PC é que foram presos, foram os únicos. O indivíduo que tomou o comando da Base não foi preso, não percebia nada de política e lá lhe disseram para desistir. Repare, os que estavam lá dentro e que se colocaram com os pára-quedaistas é que foram presos, esses tinham já instruções, porque os outros vinham de uma tal reivindicação que eu não sabia o que era, mas parece que eles já vinham com isso desde o ultramar, eles não queriam mudar o sistema, eles queriam era protestar. O Costa Martins fugiu para Angola, ligou-se à intentona e o governo angolano para não entrar e quezílias com o português, mandou-o para Moçambique, não o prenderam porque a intentona falhou. Nós ajudámos na fuga dos indivíduos que saíram fora da BA5, os indivíduos que trabalhavam na Base.

Estavam dispostos em ir às barricadas de Rio Maior?

Sobre as barricadas de Rio Maior não tenho conhecimento. Conheço bem Rio Maior e o que lhe posso dizer é que o primeiro contrato colectivo de trabalho dos trabalhadores das areias de Rio Maior foi negociado pelo Sindicato de Vidreiros da Marinha Grande. Na altura, eles estavam indecisos em sindicalizar-se no nosso sindicato ou ao Sindicato dos Químicos, e acabaram por se juntar a nós porque nós fomos lá fazer palestras. Quando o Lopes Cardoso foi ministro da agricultura [VI governo provisório], foi lá, agredido, vaiado. No dia a seguir fiz lá um plenário para mobilizar os indivíduos, só que no dia a seguir estavam desmobilizados. Uns oito dias antes, informaram-me que deitaram lá uma bomba.

O que se passou na Marinha Grande nos dias anteriores?

Na Marinha Grande chegaram a cortar pinheiros [para ocuparem as vias rodoviárias], porque nós e as forças esquerdistas estávamos na Marinha Grande, e havia muitas forças políticas ali em volta. O nosso objectivo era sempre a defesa intransigente da Marinha Grande.

Depois dos acontecimentos na BA5, sentiu-se discriminado devido às suas opções políticas?

Pois com certeza. Vivemos num país dominado por uma Direita, mas uma direita arrogante. Eu, como Presidente do Sindicato nunca fui discriminado, em qualquer lado que fui e com as associações com quem tive contacto, mas depois apresentei-me na fábrica e tive uma perseguição tremenda por parte da entidade patronal, porque trabalhava na fabricação. Houve uma transformação tecnológica na empresa, as máquinas automáticas substituíram as semi-automáticas, e eu trabalhava nas semi-automáticas e tinha de ir trabalhar para outra função. Tinha quarenta e três anos, ainda muito que trabalhar e dois filhos para sustentar. Era verificador de qualidade e nessas funções eu podia correr a fábrica toda, como, por exemplo, para ver se as garrafas de vidro estavam ou não a ser bem-feitas, podia ir ao escritório para eles me explicarem aquele desenho, que eu era um semi-analfabeto e não percebia nada desenho. Tinha trinta e seis horas para trabalhar porque era vidreiro e os outros quarenta e duas. Eles não me podiam baixar o salário e os outros ganhavam menos do que eu. Entretanto disseram-me para trabalhar quarenta e duas horas e eu reclamei que me pagassem as seis horas a mais. Eles não mais me deram resposta, e eu fui perguntar como era. Ainda bem que fui lá porque podiam reclamar comigo por me ter excedido. O chefe da secção pessoal virou-se para mim e disse que era honesto. Eu perguntei o que lhe tinha dito o patrão. Respondeu-me que tinha dito que eu era um caso à parte. Eles queriam mandar-me embora, o que acabou por suceder, mas com indemnização. No papel ficou escrito que era um acordo, mas a verdade é que eles queriam-me mandar embora. Não foi o patrão que me perseguiu, foi quem ele mandou. O patrão perseguiu-me antes do 25 de Abril. Em 1970 entrei em colisão com um oficial e ia-o matando, fora da empresa. Depois não me deixaram trabalhar enquanto não falasse com o patrão e eu e ele discutimos e disse-lhe que não era nada que não me impedisse trabalhar porque tinha acontecido fora da empresa e que tinha de me pagar o trabalho nas horas em que não trabalhei porque não me tinham deixado.

Depois dos acontecimentos de Monte Real disseram-me que não queriam saber o que eu fazia fora da empresa, que só queriam saber o que fazia lá dentro, mas que se houvesse uma subida de posto, tinham isso em consideração, ameaçou-me então que tinha de morrer na “sopa torta”, porque todas as iniciativas que fiz a partir dos dezassete

anos, tive sempre na linha da frente, nunca tive medo daquilo, e eles sabiam, mas também sabiam que era honesto e queria trabalho, que não roubava um tostão. Se eu tivesse seis meses numa categoria, eles eram obrigados a dar [aumento], chegava a oito dias antes e mandavam-me varrer. Fui toda a vida perseguido. Politicamente em acções na rua, fui perseguido no dia 24 para o dia 25 de Abril de 1976. Fui ao 25 de Abril em Alcobaça, às comemorações e um indivíduo que me conhecia perfeitamente bem deu-me um chuto no pé e provocou-me, mas eu fui com um rapaz de Porto de Mós e ele disse-me para não ter medo, que estava armado. Eu nunca usei uma arma e no meio daquilo tudo começou um grupo a persegui-me. [A conduzir], dei a volta, entrei por uma direcção proibida, passaram eles para a frente porque não fizeram a direcção proibida e pôs-me atrás deles e depois perdi-os. Os meus colegas vinham atrás e depois telefonaram-me, já eu estava em casa para não entrar em confrontos. Houve outros acontecimentos, como, por exemplo, quando o Álvaro Cunhal veio aqui [Pataias] eu não assisti, quando assaltaram o centro de trabalho de Alcobaça também não fui lá. Apenas fui ao hospital no outro dia saber de um funcionário que me disseram ter sido agredido, mas que afinal não o foi, ele era muito esperto e meteu-se lá no meio para apanhar um arranhão. Apanharam mas foi um desgraçado que hoje em dia anda todo desgraçado e que não estava envolvido em lutas partidárias, só baterem nesses, inclusive quando assaltavam os bancos porque matavam os trabalhadores. Matassem os capitalistas, mas era!

É preciso ter cautela porque existem os revoltados e os revolucionários e hoje as pessoas têm tanto medo como tinham no tempo de Salazar, podemos falar mas ninguém nos houve. Os direitos dos trabalhadores são uma vergonha, os indivíduos que falam em Socialismo deviam ser condenados e o que vem aí. Digo todos os dias aos jovens e a toda a gente para se mexer. Houve um problema na Ivima, [empresa de vidro da Marinha Grande] um comandante chamado Magalhães, tinha sido detido pelos esquerdistas. Um outro comandante de um quartel telefonou-me e disse-me que estava com medo que os sinos tocassem. Disse-lhe que a responsabilidade não era do sindicato porque os trabalhadores fizeram tal acto sem consentimento da direcção e ainda que os sinos na Marinha Grande tocam ao contrário. Disse-me que tínhamos um homem preso, ao que eu respondi que não estava preso, podia era estar detido, mas que a responsabilidade era do esquerdismo. Perguntou-me qual seria a minha situação se ele me trouxesse para o quartel. Eu disse-lhe, que se tal acontece, estaria detido e não preso. Convidei-o a vir à Marinha Grande e ele não veio.

Os gajos que fizeram o 25 de Novembro incendiaram algumas sedes de partidos, incendiaram algumas deles, podia até acontecer o contrário, ou seja, a esquerda incendiar algumas deles, mas eu penso que não, nem a igreja. Depois houve um decreto por parte do governo que tinha como finalidade pagar todos os estragos nas sedes dos partidos. Tive no tribunal de Alcobaça porque queimaram alguns pertences ao consultor jurídico, guarda Ribeiro e pagaram-lhe cerca de dez mil contos.

Recebeu algum contacto da comissão eleita pelo Conselho da Revolução que fez o Relatório do 25 de Novembro?

Não, nada. O Sindicato dos Vidreiros tem 10 membros, mas não quer dizer que sem o meu conhecimento algum contacto pudesse ter acontecido depois do 25 do Novembro.